

TENDÊNCIAS/DEBATES

Incor-Fundação Zerbini: modelo de sucesso

JOSÉ ANTÔNIO FRANCHINI RAMIRES

Dia 16 de janeiro, o jornal "Le Figaro", de Paris, estampou a manchete: "Os médicos abandonam os hospitais". Foram expostos, na reportagem, vários fatores relacionados à lenta degradação do sistema público de saúde da França, em particular nos centros hospitalares universitários, até então tidos como de excelência: burocracia excessiva, recursos inadequados para o tratamento dos pacientes, salários pouco atrativos e número insuficiente de funcionários e de equipamentos.

Aí a academia francesa colocou a seguinte proposta: dupla direção desses hospitais (médico e administrador), a fim de conciliar os imperativos da gestão e a necessidade médica, conforme experiências que se mostraram eficazes em outros países. A situação francesa pode ser estendida a diversos países ansiosos por encontrar um novo caminho para os hospitais universitários.

O Brasil tem muito a contribuir para a solução do problema, especificamente na difusão de um modelo inovador de gestão da saúde desenvolvido há 24 anos, quando foi criado um novo instituto do Complexo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, o Incor (Instituto do Coração).

Em seus primeiros anos de vida, o trabalho do instituto ficou restrito a recursos extremamente minguados, que mal davam para viabilizar o funcionamento de um terço da capacidade total do hospital. O número de cirurgias era mínimo, quatro por dia; o de cateterismos, seis por dia. Os outros procedimentos superavam pouco mais de 10% do total que fazemos hoje. Quadro constrangedor para um instituto construído sob o impacto do primeiro transplante cardíaco do país -segundo do mundo.

No início dos anos 80, com o apoio do governo estadual, foi criada a Fundação Zerbini. O nome da instituição é uma homenagem a seu criador, o professor Euryclides de Jesus Zerbini, que, por meio dela, vislumbrava a possibilidade de receber apoio financeiro para o crescimento e o desenvolvimento do Incor -nessa época, chamado sarcasticamente por alguns de "Instituto do Pericárdio", uma alusão à membrana que envolve o coração, sugerindo a existência de um grande edifício preenchido por um não menor vazio material. A sábia decisão do professor mostrou-se uma inovação -ou revolução- no conceito de gestão e funcionamento de hospital público universitário no Brasil. Fixou os recursos humanos no hospital, principalmente o médico, evitando a continuidade do sistema de dedicação parcial e, muitas vezes, superficial e foi capaz de viabilizar a captação de recursos do Sistema Único de Saúde (SUS) e de entidades ou pacientes privados, sem prejuízo da proporcionalidade no atendimento a essas categorias de segurados - majoritariamente pacientes do SUS, que representam cerca de 75% do atendimento do instituto.

Por vezes o Incor chega a ultrapassar o volume de produção científica em cardiologia de toda a América Latina

A existência da Fundação Zerbini possibilitou ainda o estabelecimento de uma política salarial própria, adotada depois por outras instituições, e de uma maior captação de recursos extras, provenientes de fontes diversas, incluindo doações e pesquisas contratadas. O reinvestimento constante de recursos na educação, em cursos de graduação e de pós-graduação, na pesquisa e em equipamentos médicos colaborou para a democratização e para a redução dos desníveis sociais de atendimento.

O binômio Incor-Fundação Zerbini resultou na ocupação total do hospital no prazo de dez anos e na expansão do atendimento. Naquela época, o Incor já assumia a paternidade de alguns dos principais laboratórios de pesquisa em cardiologia do país, tornando-se o principal centro de ensino cardiológico brasileiro e líder nacional no número de publicações científicas.

Nos anos 90, o crescimento do Incor foi continuado, aumentando em duas vezes a produção de todas as suas atividades, mas com o mesmo quadro de recursos humanos. Com sua capacidade máxima atingida, o instituto conseguiu materializar seu processo de expansão na construção de um novo edifício, anexo ao primeiro, o bloco 2 do Incor. O modelo Incor-Fundação Zerbini passou então a despertar o interesse de instituições da América Latina e da América do Norte. Hoje, os números do Instituto são ainda maiores. No campo científico, por vezes o Incor ultrapassa o volume de tudo o que se produz em cardiologia na América Latina, incluindo nesse rol as instituições brasileiras.

Suas pesquisas e seu pessoal altamente capacitado credenciam-no a assumir o papel de centro de desenvolvimento tecnológico, estabelecendo parcerias com empresas globais de alta tecnologia e, com as patentes aqui geradas, desenvolvendo novos métodos para diagnóstico e tratamento. Em decorrência do volume e da qualidade de suas pesquisas, assumiu o peculiar papel de principal centro de formação de pesquisadores na especialidade, recebendo alunos de todo o Brasil e da América Latina.

Vinte e quatro anos depois, o binômio Incor-Fundação Zerbini está consolidado, dando exemplo inequívoco e não suplantado de uma idéia e de um ideal que deram certo.

Por isso o Incor ocupa hoje uma posição de destaque, um modelo que poderia ser seguido por outras instituições nacionais e estrangeiras. E isso principalmente pela mudança de conceitos, de mentalidade e de comportamento que o instituto sinaliza.

José Antônio Franchini Ramires, 55, cardiologista, professor titular do Departamento de Cardiopneumologia da Faculdade de Medicina da USP, é diretor-geral do Incor.